

Elias Abrahão

Profeta, político, pastor de almas

O nome profético parecia já lhe traçar o destino. Juntaram-se no seu batismo dois personagens fortes do Antigo Testamento: Elias e Abraão. Elias, o abnegado profeta, defensor da fé em Israel, milagrosamente alimentado por um corvo e que converteu muitas almas, inclusive a do rei. Homem de Deus, perseguido pelos ímpios, vitorioso sobre os sacerdotes de Baal. Subiu ao céu num carro de fogo e apareceu na Transfiguração de Cristo. Dele, diz a tradição que não morreu. Abraão, o patriarca, descendente direto de Noé, varão com o qual Deus fez uma aliança perpétua e para o qual prometeu que de sua descendência nasceria a salvação de Israel.

É certo que o nome marca o homem, tanto quanto o homem pode marcar o nome. Alguém chamado Elias Abrahão não poderia ser homem de indiferenças. E não foi. Não era alguém cuja presença passasse despercebida – não só pelo porte altivo de jogador de basquete de quase dois metros de altura, mas pelo temperamento forte, traço digno de seus padroeiros bíblicos. Nele não era fácil encontrar meias palavras, meias opiniões, meias atitudes. Elias não se poupava das rugas que seu temperamento pudesse provocar. A ele se poderia aplicar a definição popular: não levava desaforo para casa.

Pregador presbiteriano, formou-se na escola da boa oratória, tradição daquela igreja histórica, pioneira do protestantismo clássico no Brasil. Elias Abrahão tinha o discurso fácil e inflamado. Sabia levar aos ouvintes sua mensagem, falasse do púlpito religioso ou da bancada política. Assim, juntou funções bem apropriadas para suas qualidades: a de pastor preocupado em levar os corações a se entregarem a Cristo, a de professor empenhado em levar a mente dos alunos ao conhecimento e, posteriormente, também a de político comprometido com os ideais do serviço público.

Na Igreja Presbiteriana do Brasil., fazia orientação espiritual, assim como prestava aconselhamento aos estudantes no Curso Positivo – sua preparação como pastor lhe dava instrumentos para isso. Seu comportamento de pastor, aliás, não era muito bem visto por colegas mais conservadores. Tinha atitudes bem pouco convencionais no seu ministério, como abençoar casais de segundas núpcias.

Certa feita, pediram-lhe para fazer uma palestra contra o cigarro, sob a ótica religiosa, apontando o vício do fumo como pecado. Ele se recusou. Disse que poderia

falar dos malefícios do cigarro à saúde, mas que não saberia misturar o tema com religião. Elias Abrahão era homem de convicções, tanto na religião quanto na política, incapaz de lutar por algo em que não acreditasse. Repetia sempre que era pastor porque acreditava naquilo que fazia e pregava.

Era extremamente fiel aos amigos. Tinha um largo coração, sempre pronto a ajudar quem precisasse, notadamente os amigos. Indignava-se com a perseguição do regime militar a jovens e estudantes. Chegou a promover um abaixo-assinado contra a demissão de um professor universitário perseguido por suas posições políticas. Sobre esse professor, comentava-se à boca pequena que seria homossexual – em tempos de regime militar, epíteto tido como grande infâmia. A quem o reprovava por “defender um homossexual”, ele retrucava com veemência. Nos corredores da Secretaria de Educação, era comum vê-lo acompanhar alguém abraçado. Uma amiga, um tanto constrangida, perguntou-lhe se isso não daria margem a comentários maldosos. Ele respondeu, bem-humorado, que não ligava, que estava cercado de víboras e que até já tinham inventado um amante homossexual para ele... Seu amigo Carlos Alberto Rodrigues Alves dizia dele que “sabia administrar cobras”. Elias não dava importâncias excessivas a aparências.

Embora cultivasse as amizades e fosse fiel a elas, Abrahão não encontrava nisso pretexto para favorecimentos indevidos. Conta sua amiga Leomar Marchesini, que trabalhou com ele na Secretaria de Educação, que certa vez receberam denúncia de mau uso de dinheiro público em uma escola dirigida por um amigo. Elias não vacilou em ordenar que se fizesse toda investigação necessária. Também não utilizava verbas da Secretaria que administrava para favorecer aliados. Por valorizar as amizades, acabou tendo algumas grandes decepções com supostos amigos que agiram contra ele. Entretanto, não alimentava desejos de vingança.

O pastor-professor era um bom piadista. Ao jantar com amigos, costumava pedir uma garrafa de vinho – ele apreciava a bebida, mas também a piada, pois se escolhesse o vinho Conde de Foucauld, dizia querer uma garrafa do “Conde Defecou”.

Embora quase sempre irradiasse alegria e bom humor, Abrahão também sabia ser explosivo, característica de seu gênio forte. Quando ficava bravo, era para valer. Ele próprio se dizia violento, mas de uma violência colocada apenas nas palavras. Era capaz de dizer coisas pesadas se estava irritado ou indignado. Entretanto, o seu estado normal era de bom humor e coração aberto. Seu hino, que costumava cantarolar, era “Eterno

aprendiz”, de Gonzaguinha: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz... Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...”

Música, aliás, era uma de suas predileções, assim como o chimarrão, hábito de consumo que cultivava cotidianamente. Gabava-se sempre da própria saúde, dizendo-se “um touro”. Entretanto, sua saúde de “touro” não o ajudou na madrugada de 1996 em que, sozinho, dirigia seu carro na BR 376, voltando de uma reunião política. A hipótese mais provável é que tenha sofrido um ataque cardíaco que o fez perder o controle do carro e bater na mureta de separação das pistas, sendo depois arrastado por um caminhão. Assim terminou a vida de um homem único e insubstituível que deixou amigos apaixonados.

Numa placa de homenagem que para ele mandaram confeccionar 63 professoras do Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação, estão os dizeres emblemáticos: “No seu tempo, houve esperança.”

Entre os escritos de Elias Abrahão, encontra-se “O primado da esperança”. Reproduz-se aqui um trecho desse admirável texto, embora longo, porque se constitui numa boa mostra da dimensão de sua alma:

Em meios a maior desilusão e desencanto, o Cristianismo tem elevado a Esperança à condição de uma de suas maiores e mais excelentes virtudes. Encosto aqui o meu barco. Sou dos que crêem e esperam. Apesar de toda a onda pessimista que nos cerca, de muita informação desalentadora, sonho com um deserto fértil, com o estabelecimento de uma sociedade mais fraterna e mais igualitária e, por isso mesmo, menos violenta [...]

O importante é que sejamos “seres inacabados”, com sonhos, com utopias, com desejos, com horizontes perenes, com Esperança, enfim. É preciso crer no amanhã. Sou dos que crêem e, por isso mesmo, creio no amanhã, pois é lá que se escondem os meus sonhos mais dourados e meus desejos mais intensos. Creio, com Sartre, que “o homem não é a soma do que ele tem, mas a totalidade do que ele ainda não tem, que ele ainda pode ter”. Creio que a vida não caminha para trás, mas procura, teimosamente, novos caminhos que a levem para frente. Por isso, tem que haver um amanhã, que nos pressagie dias melhores, mais plenos e mais intensos.

Sou dos que crêem e, por isso mesmo, vejo na semente da árvore sua sombra e seu fruto e, de algum modo estranho e misterioso, ao semeá-la para a morte do grão, o faço na esperança da ressurreição dos meus desejos.

É preciso ver na “pequena morte de cada dia” a oportunidade da imensa ressurreição do dia seguinte; é preciso ver na negação de hoje a afirmação de amanhã. Só semeia a boa semente aquele que tem esperança de que, amanhã, a vida germinará. Quem medrosamente poupa o grão, nega vida à árvore, ao fruto amanhã.

Sou dos que crêem, e por isso mesmo tenho que decidir hoje fazer meu amanhã diferente, mais próximo dos meus sonhos. Porque creio no amanhã, não me deixo abater pelos reveses que porventura eu hoje venha sofrer. Porque eu creio no amanhã, caminho com determinação, sabendo que os momentos mais escuros da noite são exatamente os que precedem a alvorada.

Creio na vida e em seus valores maiores que são a Paz, a Fraternidade, a Justiça e o Direito. Creio no Bem e que ele triunfará amanhã. [...]

Creio na Esperança e, por isso antevejo dias melhores e mais felizes para toda a Humanidade e maior fraternidade entre todos os seres humanos.